

TEXTOS CRIATIVOS



Vó Cambinda

Natália Scalvenzi¹

Quando uma das cambones anunciou que já era hora de “as senhoras” fazerem fila para o passe, Gabriel tocou o joelho direito da mãe.

— Tira os sapatos — instruiu ele, baixinho.

Bárbara obedeceu. Era a primeira vez dela no terreiro de Umbanda que o filho começara a frequentar há alguns meses. Ela colocou-se de pé e posicionou-se na fila única, do lado de fora da roda, enquanto as demais mulheres da assistência dirigiam-se cautelosamente até ali. Gabriel permaneceu sentado na primeira fileira de cadeiras de plástico.

A jovem cambone guiava cada uma das mulheres até um dos pretos velhos sentados em seus banquinhos brancos de madeira, e elas, em seguida, ajoelhavam-se diante deles para receberem o passe. Quando chegou a vez de Bárbara de ser direcionada a um dos pretos velhos, a cambone colocou-a diante de um homem que aparentava ter não muitos anos a mais do que Gabriel. Talvez tivesse seus trinta.

Bárbara estava nervosa. Notou, ao ajoelhar-se, que seus joelhos tremiam um pouco. Não sabia direito como se comportar, se deveria dizer alguma coisa, um *boa noite*, talvez. Ficou quieta. Olhou para a mulher que estava ao seu lado direito, ajoelhada também, com as mãos sobre os joelhos da preta velha que lhe dava o passe, palmas voltadas para cima.

— Que o Grande Pai lhe abençoe, minha *fia* — a voz muito mansa do homem à frente de Bárbara chamou a atenção dela.

O polegar, o indicador e o dedo médio da mão direita dele estavam erguidos e ele desenhou uma cruzinha no ar, a alguns centímetros de distância da testa de Bárbara, que relaxou significativamente. Não era o primeiro símbolo cristão que ela notava naquele terreiro. Primeiro, eles haviam rezado o Pai Nosso — ela *nunca* imaginara ouvir tal oração em um lugar como aquele, mas, logo depois do breve choque, ela rezara junto, de cabeça baixa, olhos fechados e com a mesma reverência de sempre. Em seguida, viera aquele ponto cheio de referências a santos católicos:

¹ Bacharelado em Letras: Tradução pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tradutora de inglês e espanhol. E-mail: nataliascalvenzi@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0363-938X>

Santo Antônio que é de ouro fino
Suspende a bandeira que vamos trabalhar
Com a chave de São Pedro
Vamo' abrir nossos trabalhos
Salve o povo de Aruanda
São Jorge é o nosso protetor
Agradecemos' a Santo Antônio
E à nossa Mãe do Rosário
Com a chave de São Pedro
Vamo' abrir nossos trabalhos

Isso tudo sem falar nas imagens de santos católicos — Jesus Cristo, Nossa Senhora Aparecida, São Jorge, São Sebastião — que eram, junto com as imagens dos orixás e das demais entidades cultuadas ali, exibidas naquele altar que tinha o formato da Estrela de Davi, estrela essa que Bárbara levava junto ao coração, em uma correntinha prateada que adorava, naquele exato momento; presente que sua mãe lhe dera no dia em que fora crismada.

Essa mistura, resultado de centenas de anos de sincretismo religioso, fazia com que Bárbara se sentisse não tão longe de casa.

— Amém — disse ela, de cabeça baixa novamente, em resposta ao pedido de bênção.

Ainda que orasse regularmente, fazia bastante tempo que ela não entrava em uma igreja — culpava a falta de tempo por isso. E fazia um tempo maior ainda que ela não se ajoelhava em total reverência diante do divino. Estava feliz por poder estar fazendo isso agora.

Com as pontas dos dedos das duas mãos, o homem tocou-lhe ambos os lados da cabeça e logo afastou suas mãos dela, estalando os dedos. Repetiu os movimentos três vezes, calmamente. Passou ao colo dela e, de novo, os movimentos foram realizados de dentro para fora, terminando em mais alguns estalos de dedos. Bárbara tentou imaginar o que significava tudo aquilo. A expulsão dos pensamentos ruins de sua mente e das angústias de seu coração, provavelmente. Sorriu, sentindo-se mais leve de fato.

Em seguida, o homem deslizou as mãos pelos braços dela e, quando chegou aos pulsos, mais um par de estalos de dedos. Repetiu esse movimento uma segunda vez e, então, pegou com cuidado a mão direita de Bárbara, colocando-a sobre seu joelho esquerdo. Abaixou-se e recolheu um raminho de arruda que repousava ao seu lado

esquerdo no chão, junto a uma caneca esmaltada branca de café. Ele fez a planta cheirosa deslizar pelo interior do braço de Bárbara, do ombro até a palma. Logo, levou o raminho até sua testa; depois, até o centro do peito dela e, por último, até os ombros. Mais um sinal da cruz. Bárbara sorriu largo, com o coração cheio de ternura, e, por puro instinto, posicionou ela mesma sua mão esquerda no joelho do homem, palma voltada para cima, para que ele pudesse repetir o movimento anterior. Depois de fazê-lo, ele abaixou-se novamente e pegou um cachimbo que estava ao seu lado direito. Soprou a fumaça de cada lado da cintura dela. *Eles acreditam que a fumaça do tabaco espanta os maus espíritos e as energias negativas*, Gabriel lhe explicara.

— Pode virar, *fia* — instruiu-lhe o homem com aquela voz incrivelmente mansa.

Era um tom de doçura que Bárbara jamais ouvira homem nenhum alcançar. Obedeceu, ficando de costas para ele, e seus olhos prenderam-se novamente na mulher ao seu lado, que estava na mesma posição que ela agora, com os olhos fechados, certamente mentalizando coisas boas. Bárbara fechou seus olhos também, enquanto o homem tocava-lhe as costas naqueles mesmos pequenos movimentos que iam de cima para baixo, de dentro para fora e terminavam em mais estalos de dedos.

Depois de soprar a fumaça do cachimbo no centro das costas de Bárbara e de usar novamente o raminho de arruda para desenhar uma cruz nela — desta vez, começando pela parte de trás de sua cabeça, indo até o centro de suas costas e terminando em suas omoplatas —, o outro tocou-lhe delicadamente os ombros e ela entendeu que deveria virar-se de novo. Outra vez de frente para ela, o homem fez as pontas dos dedos deslizarem novamente pelo interior de seu braço direito, pegando a mão dela em seguida e desenhando uma cruz com a lateral de sua outra mão na palma dela. Os olhos de Bárbara encheram-se d'água. Tanto simbolismo! Ele pôs a palma sobre a dela e a mulher sentiu como a mão dele vibrava. Ele fechou a mão dela e fez seu braço cruzar o peito até a mão fechada tocar o ombro esquerdo. Repetiu o processo com o braço esquerdo, fazendo-o ficar sobre o direito em um último sinal da cruz. Então, puxou-a carinhosamente para um abraço.

— Que o Grande Pai e todos os orixá' lhe protejam pela frente e pelas costas'.

Devido à incorporação, ele falava de um jeitinho que fazia o coração de Bárbara transbordar de ternura. Além de comer os *Ss* do final da maioria das palavras, seus *Rs* eram tão sutis que praticamente não existiam. *Gande, potejam, fente*.

— Amém — ela repetiu, sorrindo largo outra vez.

Ao invés de ficar de pé novamente após o delicado romper do abraço, como fez a mulher ao seu lado, Bárbara permaneceu onde estava. Não pôde segurar a curiosidade. Foi baixando os braços devagarinho e aproximou-se do ouvido do homem, para ter certeza

de que seria compreendida, ainda que os tambores e as vozes dos ogãs soassem de forma mais branda agora, justamente para facilitar o diálogo entre entidade e assistente.

Ecoou um canto forte na senzala

Ecoou um canto forte na senzala

Negro canta, negro dança

Liberdade fez valer

Não existe sofrimento,

Não existe mais chibata

Só existe a esperança

De um novo amanhecer

Era o que se escutava.

— Eu posso lhe fazer uma pergunta?

— Pode, *fia*. A *véia* só espera poder responder com a sabedoria que *suncê* precisa.

Bárbara ficou sem palavras por alguns segundos. Era o espírito de uma mulher. Olhou para baixo e finalmente notou que o homem tinha uma toalha branca sobre a calça de algodão, também branca, que lhe cobria das coxas até os joelhos. Representava uma saia. Os olhos de Bárbara voltaram a encher-se d'água. Ela, então, tomou coragem e fez à entidade a pergunta que lhe queria fazer, mudando apenas o gênero das duas últimas palavras.

— Qual é o nome da senhora?

— Eu me chamo Cambinda, *fia*. Mas os *fio* me chamam de *Vó Cambinda*. Ou só *Vó*. Eu gosto mais assim.

Bárbara sorria de orelha a orelha, com os olhos brilhantes de lágrimas. A maciez daquela voz fazia sentido agora. Contra toda lógica, tudo fazia sentido. Ela não conseguia mais “desver” que, dentro daquele jovem branco e corpulento, havia momentaneamente o espírito de uma senhora negra que fora escravizada nos tempos do Brasil colonial e que, agora, apertava os olhinhos para tentar vê-la melhor.

— É a primeira vez que *suncê* vem pras banda' de cá, né? — foi a vez de Cambinda de indagar — A *véia* não tá *alemrada* de *suncê*.

Bárbara não conseguia parar de sorrir. Aquele linguajar antigo, simples...! Era tudo de uma ternura infinita.

— É a minha primeira vez aqui, sim. Eu vim conhecer. Sou católica de berço, tanto que nem eu, nem a minha cria conseguimos escapar dos nomes católicos. Mas tá me fazendo muito bem estar aqui. Eu tenho trabalhado muito e tava me sentindo distante da minha fé. E aqui existem mais semelhanças com a minha fé do que eu imaginava.

— Conhecer é bom, né, *fia*? Destranca as corrente' da mente. E esse é o pior tipo de corrente.

Bárbara calou-se novamente, sentindo o peito apertar. Era uma analogia clara à escravidão e aplicável a *todos* os contextos imagináveis, não só ao religioso.

— Mas *suncês trabaíam* demais aqui na Terra, *fia* — Cambinda emendou, com uma óbvia leveza na voz. Bárbara riu. — *Suncês* não têm tempo pra mai' nada. Depois, a cabeça e o coração adoecem e *suncês* não sabem por quê. Tem que *trabaiá* menos, viu? Eu nem falo de ter tempo pra ir na igreja ou no terreiro. Porque Deus e os orixá' 'tão dentro do coração dos *fio*. Mas *suncês* têm que aproveitar mais a companhia dos irmão' porque a vida passa muito rápido.

Bárbara fechou os olhos, arrepiando-se e sentindo que aquele conselho certo era *só* para ela e não para a humanidade inteira, que era workaholic num geral.

— Passa rápido mesmo, né, Vó? — concordou com a voz mansa e melancólica.

— É, *fia*. E *suncê* faz o quê? *Suncê* deu liberdade pra *véia* perguntar. Agora, a *véia* vai perguntar.

A mulher deu outra risadinha.

— Pode perguntar, Vó. Eu sou advogada.

A preta velha deu um par de tragadas no cachimbo.

— Ah, é importante!

— Como todo o bom trabalho.

— Mas *suncê* não veio acusar os *nego véio* de nada, não, né?

Desta vez, Bárbara não conseguiu prender a gargalhada gostosa.

— Não vim acusar ninguém, não, senhora. Eu vim acompanhar a minha filha. O meu filho — corrigiu-se, fechando os olhos com força devido à dor e à vergonha que cresciam mais a cada vez que ela errava os pronomes ou alguma palavra generificada. — Desculpa.

Ela esperava que esse pedido de desculpas chegasse ao coração de Gabriel. Não era por querer. Nunca era.

— Quem é o seu menino? — quis saber Cambinda, ignorando totalmente a última palavra de Bárbara.

— Aquele ali — ela apontou para o jovem sentado na primeira fileira de cadeiras. Ele devolveu-lhe o olhar, sorrindo um meio sorriso confuso. — É Gabriel o nome dele. O meu anjo.

— Ah, dele a *véia* se *alembra*! Muito formoso e muito alumiado! Ê, ê!

Bárbara sorriu de orelha a orelha de novo, emocionada e aliviada. Vários outros pretos velhos faziam aquele sonzinho de vez em quando também. Era uma exclamação bonita, melódica, da qual irradiava energia.

— Muito, muito, muito! E agora eu entendo por que ele quis tanto que eu viesse conhecer a casa. Ele é igual a senhora no corpo desse moço, sabe? O que a gente vê por fora não encaixa com o que tem por dentro.

— E não é só isso que importa, *fia*? O que tem por dentro?

A garganta de Bárbara secou devido à falta de palavras. Era um conselho tão simples, tão fácil de entender, tão transparente! Não dava margem para erro. E suas lágrimas finalmente transbordaram. Ela abafou um pequeno soluço com as costas da mão direita.

— É, sim, senhora. Protege ele pra mim? Ele tá passando por um momento... novo pra todos nós. E eu tenho tanto medo que ele sofra! Tanto medo!

A preta velha estendeu-lhe as mãos. Sentada sobre as próprias panturrilhas, completamente vulnerável e entregue ao momento, Bárbara deu suas mãos a ela.

— E de sofrer por uma coisa que ainda nem aconteceu e que *suncê* nem sabe se vai acontecer... *suncê* não tem medo, não, *fia*?

Com o rosto molhado, Bárbara sorriu.

— A senhora gosta de me deixar sem palavras, né?

Cambinda deu uma risadinha.

— Escuta a *véia*. O seu menino tem o auxílio dos vento' de Iansã e do machado de Xangô. Significa que é os inimigo' que têm medo dele. Mas a *véia* já teve os *fio* de sangue dela e sabe que mãe se preocupa o tempo todo. Então, a *véia* promete que vai cuidar da saúde do corpo e da mente dele. Tá certo, *fia*? Não carece de ter medo, não. Porque quem protege *suncês* não dorme.

Bárbara voltou a apoiar-se nos joelhos e jogou carinhosamente os braços ao redor da preta velha. Sentia um alívio inexplicável.

— Amém, Vó. 'Brigada — quis corrigir-se assim que deixou de abraçá-la, secando os rastros de suas lágrimas. — Ah, não se fala *amém* aqui. É *axé*, né?

— Se fala *amém*, sim, *fia*. Claro que se fala. Uma palavra não exclui a outra. São duas coisa' diferente'. *Amém* quer dizer “que assim seja, que assim queira o Grande Pai”.

Não foi isso que *suncê* aprendeu lá nos católico’?

— Foi, sim, senhora.

— Então? Não é a mesma coisa que *axé*. Tem pessoa que quer ser gentil e fala “Amém pra quem é de amém e axé pra quem é de axé”, como se, quem dissesse uma palavra, não pudesse dizer a outra. Ma’ é conversa, viu? *Axé* significa energia boa. Vitalidade. Se *suncê* deseja axé pra um irmão, é a mesma coisa que dizer “Força, irmão. Saúde. Tudo de bom”. Então, pode falar as duas palavra’, sim. Fez entendedor, *fia*?

Bárbara estava fascinada com semelhante aula de Linguística, mas não entendeu a última pergunta. Franziu as sobrancelhas.

— Como?

— Se *suncê* entendeu — Cambinda esclareceu docemente.

— Ah! — Bárbara soltou um risinho encabulado — Entendi, sim, senhora. Muito obrigada.

— Então, que a sua jornada seja repleta de axé.

As duas deram-se um terceiro e último abraço.

— Amém — Bárbara respondeu, orgulhosa agora que sabia que as duas palavrinhas se complementavam.

Em seguida, ela finalmente levantou-se e, por orientação da cambone, saiu de dentro da roda pelo lado oposto ao que havia entrado. Caminhou até o seu lugar ao lado de Gabriel enquanto terminava de secar os rastros de suas lágrimas.

— Nossa, mas tava boa a sessão de terapia, hein?! — ele comentou enquanto sua mãe sentava-se.

Bárbara riu.

— Tava ótima!

— Ela jogou tantas verdades na sua cara assim pra te fez chorar?!

— Foi basicamente isso.

— Engraçado. Geralmente, os que jogam a verdade na nossa cara, doa a quem doer, são os exús. Os pretos velhos são tão doces!

Bárbara começou a calçar os sapatos outra vez.

— Foi justamente essa doçura que me encantou.

— E ‘cês fofocaram sobre o quê? Teve uma hora que ‘cê apontou pra mim.

A mulher ajeitou a postura e olhou o filho nos olhos.

— Ah! Ela disse que você é muito formoso, muito alumiado e que eu não preciso me preocupar com você porque são os seus inimigos que têm medo de você — concluiu

dando-lhe vários beijos na bochecha enquanto bagunçava carinhosamente o cabelo curtinho dele. Cada beijo estalado dizia um *eu te amo*.

O jovem deu risada e, logo, já de pés descalços, levantou-se porque a cambone chamou “os senhores” para o passe.